



DOCÊNCIA(S) EM MATEMÁTICA: constituições éticas, estéticas e políticas

Claudia Glavam Duarte
(UFRGS)

Josaine de Moura
(CMPA)

Suelen Assunção Santos
(UFRGS)

Carlos Eduardo Monteiro
(UFPE)

Os escritos da edição temática intitulada *Docência(s) em Matemática: constituições éticas, estéticas e políticas* objetivam fomentar a discussão sobre a docência em Matemática. Apesar de, a docência, ser uma tarefa pedagógica ampla em suas especificidades e ser constituída por um grupo docente marcado pela heterogeneidade, não há como negar que os processos de formação de professores insistem em fixar significados únicos e definitivos acerca da Docência; em outras palavras, buscam enquadrar a docência em categorias com características previamente definidas. Nessa direção, a docência adquire a pretensão de instruir, mostrar, ensinar, indicar, transmitir a verdade e é compreendida, muitas vezes, como questão de vocação que ultrapassa a profissionalização.

Problematizando o discurso instituído e naturalizado da docência, podemos entendê-la a partir de uma outra perspectiva, qual seja, como “o somatório acumulado de suas instantaneidades, infinitas parcelas extensas de expressão e conteúdo, [...] uma forma que vaza impossível de ser capturada” (SANTOS, 2015, p. 141). Com esse novo entendimento, assumimos que a docência se transfigura a cada instante, não sendo possível ser fixada nem idealizada, e muito menos prescritiva e previsível.

A docência é a rotina professoral que transborda os clichês do que se espera de um professor. Clichês, estereótipos, dados sobre o que seja o ensino, a aprendizagem, a Matemática,

a teoria e a docência. Esta se articula com suas estruturantes e duras linhas de saber e de visibilidades sem perder sua porção maleável de exterioridade. A docência, nesse sentido, resiste às prescrições que pretendem lhe acomodar e que bloqueiam os efeitos criativos e inventivos que poderiam ocorrer, na medida em que se efetua a cada aula, se diferencia a si mesma sem perder sua potência, desconcertando a imagem determinista que a representação (contemplativa ou generalista) havia lhe ditado.

Antes que o professor comece a dar a sua aula, dela pode ser dito tudo, menos que se trata de 'a sua aula'; pois a aula está cheia, atual ou virtualmente, de dados; os quais levam o professor a dar uma aula que já está dada, antes que ele a dê. [...] Esses dados, que preenchem a aula, constituem clichês. [...] Os clichês não representam, passiva e inocentemente, alguma coisa; mas produzem, ativamente, o conhecimento, o sujeito, o valor e o poder das coisas vistas, sentidas, pensadas, faladas, olhadas, escritas, lidas, desejadas, numa aula. (CORAZZA, 2012, p. 23).

A potência de diferenciação está na aula, pois é durante a aula que há possibilidade de outramentos da docência permitindo que ela se torne outra; uma forma plural advinda de certa regularidade não generalizante nem homogeneizante. Assumimos, dessa forma, que a docência plural, bem como o movimento da docência, é uma forma impossível de ser capturada. E, nesse contexto, a aula é condição de possibilidade da docência se transfigurar e ser sempre outra a cada instante.

O que permite a mudança na docência são as singularidades selvagens emitidas pela aula, que funciona como condição de suas atualizações, e que são impulsionadoras da variabilidade e instabilidade da docência. Essa instabilidade não possui um valor negativo, nesta perspectiva. Muito pelo contrário; a variabilidade do encontro com a aula é o problemático que pode causar a potência de diferimento da docência. Portanto, o problema da docência não consideramos que seja sua forma, mas sim a sua conservação – seja pela sua equivalência a uma identidade previamente instituída ou a uma personalidade (docente).

A aula é altamente instável ou fluida e não para de constituir mutações na docência – disso há alguma dúvida? Apesar de repetir sempre a mesma aula, ela nunca é a mesma, portanto impossível de se inaugurar uma generalidade abstrata; assim como a aula nunca representa um mundo anterior *a priori*. Ela produz, a cada repetição, um novo modelo de verdade, um novo tipo de realidade; ela frustra as previsões determinísticas das possíveis Docência(s) e, por isso para a docência em movimento ela é afirmativamente problemática, porque produz sua transfiguração e lhe dá o direito de sempre variar.

A docência carrega um método próprio da artistagem ou da alquimia, porquanto sua constituição possui como lógica a desmesura. Em um tempo no qual o método cartesiano busca fixar e determinar todos e qualquer imprevisto, “a razão é tida como indispensável para o desenvolvimento da sociedade, [...] prima pela ordem, pela racionalidade, pela resolução de problemas utilizando-se de métodos” (PINHEIRO, 2014, p. 76), conduz condutas e define regras. Na contraposição, a artistagem vem para se configurar como uma forma de não universalizar a docência e criar a positividade na imprevisibilidade da aula.

Quem nunca pensou que, no ato da aula, nada dá certo? Quem nunca planejou uma aula e, na “prática”, ela deu errada? Quem nunca seguiu os *a priori* da docência-lúdica e, apesar disso, não obteve sucesso com as aprendizagens? Quem nunca elaborou uma aula baseada nos pressupostos da Resolução de Problemas e da contextualização em Educação Matemática e, mesmo assim, os alunos não se interessaram? Os teóricos apontam o modo de ensinar, de aprender, ditam as práticas ideais, porém durante a aula, nada é previsível. A aula, portanto, é o que não deixa universalizar nem o que deixa generalizar a forma da docência em padrões. No entanto, a aula só não dará certo para quem tiver uma pretensão específica. Os professores falam coisas, disseminam discursos e os alunos entendem outras, pois signos tocam o sujeito; nesse sentido, a aula é o que era para dar. Positiva é a conclusão de que não dá certo.

A provocação inicial aconteceu numa reunião do GEEMCO (Grupo de Estudos em Educação Matemática na Contemporaneidade) da UFRGS, em um desses encontros imprevisíveis. Em uma dessas conversas que ocorre quando, entusiasmados pelas leituras, começamos a divagar sobre a constituição dos sujeitos, ou melhor, sobre a célebre pergunta foucaultiana: como nos tornamos o que somos? A pergunta foucaultiana nos interessa porque transpomos para nosso emergente interesse contemporâneo de responder a questão “como nos constituímos em meio à docência em matemática?” Daí, para a tentativa de materializar nossos pensamentos, foi um salto. Montagens e Registros fotográficos em um final de tarde de sábado tentavam dar forma, textura ao nosso pensamento e insistiam em levá-lo para longe.

A provocação foi feita: que discursos tramam a docência em matemática? Enquanto docentes, somos efeitos de que discursos? Que fios tecem a cada um e a cada uma? Que escapes são possíveis? Que outramentos são possíveis?

Para criar o novo na docência em Matemática não basta uma simples rejeição às normas vigentes e não basta apenas mostrar as relações de poder impostas pela clichêização do discurso educacional; é necessária a criação de regras próprias que desorganizam e deformam

os dados-clichês da docência, tornando-a um conjunto informe e indiferenciado de multiplicidades livres, uma forma em movimento.

Propusemos a oficina por conta dessa tentativa de criar uma nova narrativa sobre a constituição da docência em Matemática a partir da composição de elementos heterogêneos que fazem parte da vida professoral.

Outro efeito dos questionamentos impulsionado pela conversa e pela materialização das reverberações que o nosso estudo promoveu adquire sua segunda materialidade, por intermédio desta edição temática, pois, encontra-se aqui um conjunto de textos que, atravessados por diferentes posicionamentos teóricos, buscam construir sentidos diversos para a experiência da docência em Matemática. As palavras escolhidas para compor cada artigo vão nos apontando o quanto esta atividade, longe de ser una, difere e assume contornos diferentes.

Por fim, nossa intenção foi dar passagem, liberar o fluxo do pensamento para desestabilizar o solo das ideias pré-concebidas que fixam uma determinada maneira de ser para a docência em Matemática. Pretendemos visibilizar as forças, as verdades que a circundam para mostrar o quanto suas pretensões de universalidade e homogeneidade são contingentes e arbitrárias.

Com isso, acreditamos que nossa ousadia, de certo modo, encerrou o paradoxo: a dificuldade em abandonar a seguridade de pensar a partir de lugares por nós já habitados e o fascínio que o trânsito por um território “não-familiar” provoca, ou seja, a possibilidade de tecermos novos fios que não se pretendem melhores ou piores, mas simplesmente outros.

Quisemos ampliar a provocação para outros(as) colegas, e assim, estabelecemos esta parceria com a Revista EM TEIA que acolheu a ideia para edição temática. O convite foi aceito por 43 autores de 10 estados brasileiros e da Bélgica, pertencentes a Programas de Pós-Graduação de 14 universidades e ligados a cinco escolas de Educação Básica de diferentes níveis de ensino.

Esperamos que a leitura dos questionamentos e das ideias resultantes das pesquisas apresentadas nos artigos desta edição possam também provocar os leitores e as leitoras.

REFERÊNCIAS

CORAZZA, Sandra Mara. **Caderno de Notas 3**: Didaticário de criação: aula cheia. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

PINHEIRO, Josaine de Moura. **Estudantes forjados nas arcadas do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA): “Novos talentos” da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas.** 2014. 231 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

SANTOS, Suelen A. **Docen ci/ç ação: do dual ao duplo da docência em matemática.** 2015, 189 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.